



# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## A Alma do Povo

Do importante diário do norte «O Primeiro de Janeiro», transcrevemos hoje o editorial — «A alma do Povo» — devido à pena brilhante do talentoso jornalista e indefectível republicano Mayer Garção.

Sentimos que as suas ideias traduzem a maior oportunidade e falam à nossa alma com todo o fulgôr, com todo o entusiasmo.

Que as leiam e ponderem bem aqueles que ainda têm dúvidas e verão como a *Alma do Povo* é a alma Nacional, acariciando e defendendo invencivelmente a República.

«Parece que algumas pessoas se admiraram do *elan* entusiástico com que o povo de Lisboa celebrou a grande data do 5 de Outubro, quando, na Rotunda, devorou com beijos a bandeira gloriosa da Revolução, e mais tarde quando saudou, na Marinha, a força mais importante que nesse movimento desempenhou o papel memorável. E' que a recordação do dia sagrado reviveu na memória popular, ressuscitando as impressões dessas horas em que a sorte da liberdade esteve por um fio. A República foi, com efeito, gerada entre as convulsões dum parto, que são de agonia e júbilo, visto que, enquanto o corpo grita, dilacerado, nas perspectivas da morte, a alma aspira delirantemente à vida, continuada numa epopéia formosa. Momentos sublimes em que matéria e espírito, chocando-se e confluindo numa daquelas crises tremendas que decidem dos destinos das ideias e dos povos, rasgam as portas do futuro à própria humanidade radiante e dolorosa!

De que se admiram?

Eu sou daqueles que jamais descreem das ocultas e omnipotentes forças morais que no coração das multidões estuam. Logicamente, os espectáculos de revivência da fé republicana só nos monárquicos deveriam surpreender. No espírito dos povos, os estímulos da liberdade nunca se perdem. E muito menos motivo há para assombros quando se trata do povo dum cidadão, que ainda em tempos da monarquia já conquistara os foros dum baluarte republicano invencível. Nem os monárquicos protestavam quando se lhe chamava «a cidade mais republicana do mundo». O que deveria surpreender os fieis adeptos da República seria a fisionomia apática que a grande cidade, já há bastantes anos, apresentava, nestes dias que rememoram o triunfo da sua fé e do seu he-

roísmo. E essa apatia há muito era objecto duma preocupação por parte daqueles que sabem que as ideias só desaparecem quando o culto popular as abandona.

Esse triste fenómeno provinha de muitos erros e desilusões. O povo de Lisboa, como, de resto, todo o povo português, visionava na República uma perfeição sublime. Criara sobre ela quasi uma lenda de misticismo puro. E, passados os primeiros tempos em que o belo impulso inicial ainda conseguiu, mercê dos vãos duma espiritualidade superior, vencer os egoísmos renascentes e as mediocridades insubmissas, esse povo viu, com desgosto e espanto, que o seu ideal se amesquinhou, que os homens convertiam a perfeição sonhada numa imperfeição bastarda, que se deturpavam as suas aspirações e se iludiam as suas esperanças. O povo não deixou de ser republicano. O que ele não podia era reconhecer a sua República.

Em profundo erro labora, contudo, quem suponha que o povo esquece o seu ideal. Ele ama-o, com um amor que pode, por vezes, turbar-se, mas que não deixa de dominar num coração de eleição. Amor de amante, amor de pai, amor de filho, ou seja, numa única expressão, colectiva e soberana, a trindade dos amores da maior paixão, enlévo e força. A República é amada com o ciúme dantesco dos grandes amadores; é amada com a ternura do pai extremo que, na sua obra, sublimada por uma alma divina, se revê com arroubos celestiais; é amada com a piedade filial de quem vê nas ideias de resgate duma condição misérrima, destinada a infinitas grandezas, o leite predestinado dum seio maternal, redentor. Só monstros repudiam este culto, sacrificam este enlévo, ou sufocam esta gratidão. A República é a libertadora, é a dignificadora, é a salvadora. Mais tarde ou mais cedo, robustecendo-se nos esforços da sua infância ou nas lutas da sua adolescência, ela há-de acabar por se revelar aquêle ser de beleza, de equilíbrio, de ritmo e de claridade em cujas linhas de formosura helénica todos os que experimentam fome sagrada do direito e da justiça sociais idealizam as autênticas divindades geradas pela consciência esclarecida dos homens. Esta fé está latente nos corações. Porisso ocasiões haverá em que o desgosto poderá tomar as aparências do abandono ou da indiferença; mas, súbito, o amor renasce, o entusiasmo explue: há, nos olhares, de novo, o mesmo fogo de consagrado esplendor; nas vozes, a mesma vibração de tons apaixonados e ardentes. Pois quê! A República poderia mor-

## Crime de lesa-Pátria

Pedimos ao nosso colega *Conquistador*, a fineza de nos conseguir a liberdade precisa para darmos a resposta prometida, relativamente aos *engulhos* que lhe tem causado a atitude do ilustre português e indefectível republicano senhor Dr. Bernardino Machado. Sem isso, não poderemos destruir, com verdades, as insidiosas afirmações do *ilustre* colega. De resto, já sabemos que todos os actos praticados pelos republicanos, são crimes de lesa-Pátria!!!

rer, desprezada e inerte? Quem pensou tal loucura? Quem exprimiu tal insulto? Quem teve a audácia ou manifestou a insânia de que o povo esqueceu ou traiu a verdadeira deusa do seu culto imortal pela liberdade e o progresso?

Há pouco mais de nove anos, os sectários do regimen monárquico findo, assim o pensaram, e Lisboa e Porto, um instante surpreendidos, demonstraram-lhes, em rasgos indómitos, que a sua ilusão era tremenda e a sua cegueira absoluta. Os heróis brotaram das pedras das calçadas. A bandeira da República em breve não encontrou diante de si nenhuma bandeira rival. Creiam-o bem: assim sucederá sempre. Agora, manifestou-se por parte de muita gente uma surpresa enorme. Essa surpresa há-de repetir-se sempre que certas ilusões se renovem. A liberdade é imortal: a República é o sistema que melhor deve realizá-la, dentro das normas próprias do direito e da lei. Torno a acentuá-lo: ninguém se iluda com aparências. A história, que é a única mestra a quem podemos ir buscar lições sobre a marcha de todos os acontecimentos sociais, ensina-nos que a marcha da humanidade tem sempre como alvo eterno a continua emancipação popular que só a liberdade garante. O homem vem do passado, recordando os seus triunfos, mas caminha para o futuro, enlevado nas suas promessas. E' no futuro que ele visiona a plenitude da vida. Para o passado, em todas as suas mil formas, irá a sua saúde; para o futuro vai a sua inextinguível sede de perfeição, e é por isso que ele vive. Enquanto a República, quaisquer que sejam os acidentes transitórios da sua existência, lhe oferecer, na sua esfera de princípios, âmbito bastante para a efectivação das suas reivindicações mais próximas, a República há-de ser defendida pelo seu peito, escudo de bronze contra o qual se quebrarão os ataques, que nunca deixam de resultar impotentes, dos inimigos da liberdade.»

MAYER GARÇÃO

## Liga anti-tuberculosa de Guimarães

Continúa a Comissão Municipal de Assistência na sua louvável campanha para a organização dos serviços de assistência aos tuberculosos e sífilíticos do concelho.

Na sua última sessão, foi por proposta do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Mota Prego, resolvido que a Comissão fôsse examinar as condições da encosta nascente sul do monte de Santa Catarina, para a construção de pavilhões sanitários.

Teve lugar na pretérita sexta-feira a visita à linda montanha, onde foram os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs. Mota Prego, digníssimo presidente da Comissão e os vogais Srs. Drs. Alfredo Fernandes, Mário Dias e Ferreira da Cunha.

Percorrida uma grande parte da encosta, foram todos de opinião que a parte nascente sul, para além da Capela de Santa Catarina, dominando a cidade com um admirável panorama e não correndo o risco de incomodar os turistas da Penha, nem infundir receios aos amigos desta bela instância de repouso, piedade e folia, tinha condições excelentes para a instalação do Sanatório.

Registamos com o maior prazer o esforço da ilustre Comissão de Assistência, que assim procura assegurar a defesa contra os terríveis flagélos que tantas vítimas veem fazendo em Guimarães.

O local escolhido em nada compromete o projecto de melhoramentos da nossa linda Penha, pois já está fora da sua area de aformoseamento, e amanhã, quando ali se elevar uma casa para tratamentos será ainda como que o prolongamento do encantador arrabalde da cidade.

Oxalá todos os vimaranenses correspondam ao apêlo da Comissão de Assistência e lhe prestem leal colaboração.

## Tenente Guedes Gomes

Dos Açores onde estava deportado por motivos da revolta militar de Fevereiro do ano findo regressou à metrópole, este nosso presado amigo e ilustre correligionário, um dos bravos soldados da Flandres. Foi-lhe fixada residência em Lamego.

Com permissão do Sr. Comandante da 1.<sup>a</sup> Região Militar, veio ha dias a Guimarães, visitar os seus inúmeros amigos.

Apresentamos-lhe as nossas saudações.

## O Decreto da Paz?

Assim chamou um membro do Governo ao decreto que permite a reintegração dos funcionários civis ou militares nos quadros de serviços a que pertenciam anteriormente ao movimento de Fevereiro do ano findo, desde que se comprometam a prestar serviço nas Colónias, durante dois anos. Se deportar republicanos, durante *mais dois anos*, é procurar abrir o caminho de paz, nós dizemos, com toda a lealdade e franqueza, que não concordamos. Paz, que re dizer: concórdia, cessação de hostilidades, etc. — assim o diz o mais incompleto dos dicionários da nossa língua. Portanto, não compreendemos como a paz possa ser restabelecida, decretando-se medidas contrárias a esta nobre aspiração de todos os bons republicanos.

Se o tal decreto permitisse a reintegração desses funcionários, mas desde já, nos lugares que de facto lhes pertencem, então podíamos e devíamos aplaudir esta determinação, porque era, na realidade, um acto de concórdia, e, por conseguinte, de paz. De resto, o que foi legislado a tal respeito, não passa de mais uma violência contra aqueles com que a Pátria e a República podem contar. Se o Governo pretende ser generoso, visto que considera isto uma *generosidade*; se deseja realmente obter uma solução da qual advenha a união de todos os republicanos; se está empenhado em dar satisfação aos desejos da opinião pública; se está resolvido a contrariar a vontade e desejos dos inimigos da República; se, finalmente, tem no seu espírito a intenção de não vexar nem de perseguir republicanos, procure outro processo de pacificação para a família republicana, que seja bem recebido por todos aqueles que leal e francamente têm estado e estarão sempre dentro dos seus princípios. O contrário, será não acertar, e será mais uma vitória para os inimigos da República, que só estão satisfeitos quando veem os republicanos humilhados e espinhados. Somos pela paz e queremos a união de todos os republicanos, excepto daqueles que andam mancomunados com os monárquicos de baixo quilate, que são os mais atrevidos, os mais indesejáveis e os mais perigosos!...

Este número foi visado pela Comissão de censura.

Integralismo

Anda a gente mōça preocupada com o integralismo.

Se bem que é uma pequena parte, todavia há veneno e daí resulta o mal; não da vinda do desejado D. Nuno, mas o da intriga que produz o desmembramento nas fileiras republicanas.

Mas o que tem pilhéria é o desafôro de certos *meninos* que não tem pejo, nesta época de crise, de gastar uns cobres aos papás, fundando jornais integralistas.

Dizem que é moda o ser integralista.

De acôrdo; as modas variam com as épocas e como a época actual atravessa uma crise assustadora, convem ser-se integralista para conseguir qualquer coisa como... um casamento chorudo porque as meninas da elite também gostam de integralismo.

Pois agora, esses patetas integralistas não tendo que fazer, resolveram não abdicarem dos seus direitos de elegerem D. Nuno como herdeiro legítimo do trono (cuidam que existe).

E os papelinhos da 1.ª Região Militar, as comissões parlamentares de Londres e a franca adesão á Ditadura são as armas que corajosamente esses cômicos usam contra a Republica.

Não tenhamos medo que eles venham combater lealmente com armas na mão, porque não são capazes de o fazer, mas é preciso que nos unamos para formar uma barreira de opposição ás *ostes* (ai vai um termo deles) de calúnias e infâmias usadas por estes inimigos do regime.

E a verdade é que já estamos a gastar palavras demais com aqueles que merecem o nosso desprezo.

F. F.

Revista de Guimarães

Estão em distribuição os fascículos n.ºs 1-2 do volume XXXVIII, desta util publicação da Sociedade de Martins Sarmento, cujo sumário é o seguinte:

M. C. «Sarmento e o termo *Suástica*»; Pedro Vitorino, «Museus, Galerias e Coleções»; P.º Aloísio Tomaz Gonçalves, «S. Gualter de Guimarães — Ensaio biográfico»; Mário Cardoso, «Cítania» (Um problema de etimologia); Luís de Pina, «O romanico no concelho de Guimarães»; Alfredo Dias Pinheiro, «Uma cidade no alto do Marão»; A. Tiburcio de Vasconcelos, «Coleção de estampas e indice de gravadores»; Fernando de Castro Pires de Lima, «Cancioneiro de S. Simão de Novais»; Luis de Pina, «Subsídios para a Arqueologia do concelho de Guimarães»; Eduardo de Almeida, «Os conegos da Oliveira»; Alberto Vieira Braga, «Usos e costumes, tradições e bruxaria, nas obras de Camilo Castelo Branco»; M. C. «Bibliografia Sarmentina» e Francisco Martins, «Boletim».

Agradecemos o exemplar oferecido.

Nascimento

Teve ha dias o seu bom sucesso dando á luz uma robusta criança do sexo feminino, a esposa do nosso amigo e benquista comerciante sr. Camilo Lorangeiro dos Reis.

Doente

Ha dias que aguarda o leito, bastante enfermo, o nosso amigo e correligionário, sr. João da Rocha Braga.

Desejamos-lhe o pronto restabelecimento.

Alemãs e portuguesas

Eu tinha, na Alemanha, o meu namôro, Gentil, apaixonado, escultural, Que eu julgava um riquíssimo tesouro De cândida beleza sem igual!

Porém, um dia, em convulsivo choro, Ficou sôzinha a angélica «Vestal»... —O destino levou-me a Portugal, A bôa Pátria amiga que eu adoro.

Mas á minha ilusão e ao meu ançoio Não bastava o recurso do correio E eu vim vêr a «Fraulein» dôce e amiga!

Fiquei bem triste! As portuguesas ternas Têm melhor colo e bem mais lindas pernas... —As pernas dela eram de mesa antiga!!!

Colôgne, 8-XI 927.

COSTA GUIMARÃES.

Ecos do movimento de 3 de Fevereiro

Julgamento duma parte dos officiais do extinto B. M. 2

Na quarta-feira passada foram julgados, no Tribunal Militar Especial, da cidade do Porto, os nossos presados amigos e correligionarios, officiais do extinto B. M. 2, snrs. Capitão Henrique Alberto de Sousa Guerra e Tenentes Gervásio Martins Campos de Carvalho, Albano José da Cruz, José Guedes Gomes e Antonio da Costa Cunhal, acusados de terem participado no movimento revolucionário de 3 de Fevereiro do ano findo.

Aberta a audiência, depois de terem tomado assento na banca dos advogados os snrs. Tenente-Coronel Tamagnini Barbosa e Dr. Eduardo d'Almeida, foi lido pelo Secretário do Tribunal o libelo acusatório, tendo os réus confirmado que tomaram parte activa no movimento. Ditada a contestação pelos illustres defensores e feita a inquirição das testemunhas de acusação, foram chamados a depôr as testemunhas de defêsa, tendo comparecido na sala das audiencias os snrs. General Craveiro Lopes, Tenente-Coronel Faria Blanc, Majores José Marcelino Barreira e Firmino Barroso e Capitão Duarte Fraga.

Iniciados os debates, falou em primeiro lugar o sr. Tenente-Coronel Pinto da Silva, Promotor da Justiça, que, analisando as peças do processo, indicou o artigo da lei sob que alçada se encontravam os réus e que punia o seu crime.

Dada a palavra ao patrono dos snrs. Capitão Souza Guerra, Tenente Gervásio C. de Carvalho e Tenente José Guedes Gomes, o sr. Tenente-Coronel João Tamagnini, êste principiou por saudar o illustre advogado vimaranense sr. Dr. Eduardo d'Almeida e, de seguida, entrou francamente na apreciação do acto que naquele momento se realisava, provando da sua excepção e da sua arbitrariedade.

Fez uma rapida análise da actual situação politica e mencionou factos que muitas carradas de razão trouxeram aos seus constituintes. A propósito leu uma carta dirigida pelo Sr. Alfredo Magalhães, ex-ministro da Ditadura, a S. Ex.ª o Sr. Presidente da Republica, carta que foi distribuida a todos os comandos militares, e onde aquele censura ásperamente a Ditadura por só proteger todos os que desejam enriquecer á custa da miséria dos seus concidadãos, focando por toda ela actos administrativos que revelam pouco senso.

E para prova de que também o povo sabe da origem da sua situação aflita e desgraçada, referiu-se aos acontecimentos da católica cidade de Braga que tra-

duzem bem o descontentamento que lavra pela aliança entre os clericais e os detentores das nossas fortunas. Terminou pedindo a absolvição dos seus constituintes.

De seguida, ergue-se para falar o illustre advogado vimaranense, Sr. Dr. Eduardo de Almeida. Agradece as elogiosas referencias feitas pelo Sr. Tenente-Coronel João Tamagnini e diz que vem ali na sagrada missão de defender dos republicanos e briosos, que são os Srs. Tenentes Albano José da Cruz e Antonio da Costa Cunhal. Que lei julga o seu crime? Uma lei de excepção, votada em 30 de Abril de 1912 para castigar os inimigos do regime republicano. Lei que ele próprio, deputado de então, não aprovou por julgá-la atentória aos seus principios democraticos, lei que está pronto a discutir da sua razão jurídica. E num bem burilado discurso, académico, desfaz toda a acuzação feita aos seus constituintes que só teve a prova da sua confissão espontânea. Recolhido o Juri, passada meia hora foi lida a sentença que condemnava o Sr. Capitão Souza Guerra, a 14 mezes de prisão correcional, com igual tempo de multa á razão de 2 escudos por dia; e os outros arguidos, a 6 mezes de prisão correcional e a igual tempo de multa á razão de 1750 por dia.

Combatentes da Grande Guerra

A Sub-Agencia da Liga dos Combatentes da grande guerra, de Guimarães, faz convite aos Combatentes da Grande Guerra para comparecerem no dia 11 do corrente, pelas 10 1/2 horas, no quartel desta cidade, afim de tomarem parte numa parada a realizar, já para solenizar a data do armistício, já para se poder avaliar o espirito associativo dos Antigos Combatentes, no momento em que as nossas relações internacionais estão tomando o maior incremento por intermedio da Federação Internacional dos Antigos Combatentes, muito grato ficando a todos quantos se dignem comparecer.

Ginkana de Automoveis

Se o tempo o permitir, realiza-se hoje de tarde, na parada dos Bombeiros Voluntários, a annunciada Ginkana de Automoves, para profissionais.

Dizem-nos ser elevado o numero de concorrentes, tanto desta cidade, como de concelhos limitrofes.

A' volta dum acontecimento

O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede

Continuado do n.º 202

E a sua romagem coincidiu a demorada permanência, de D. Paio Mendes, naquele logar. Era êste um dos senhores da Maia, arcebispo de Braga e inimigo fidalgo do rancoroso prelado de S. Tiago de Compostela. O infante dirigiu-se então á catedral daquela praça a fim de, segundo os fôros de Espanha, se armar cavaleiro a si próprio na qualidade de príncipe; êste gesto significava a não dependencia de entidade alguma, á excepção de Deus. Nesta intenção tomou a espada do altar de S. Salvador. O leitor não conhece as leis da cavalaria e nós ainda muito menos as conhecemos. Baste-nos portanto umas noções rudimentarissimas para não ignorar-mos que o mancebo, ao envergar a cota de malhas, ao tomar os braceletes, os acicates dourados e a espada desta comunidade tão pluralisada na Europa medieval, se emancipava perante o mundo. O orfão de D. Henrique, em plena adolescência impúbre, emancipou-se.

Podia nestas circunstancias acaudilhar o elenco de épicas figuras que iam revelar-se nesta humérica luta. Mas D. Tereza, ciosa e desconfiada, fez prender o ardiloso D. Paio no regresso á sua diocese. Viu na coincidência a que aludimos peugadas flagrantes de conspirata. De facto, ha probabilidades de premeditação neste caso. O nervosismo adensou; a reconciliação fôra impossivel nesta altura; e a *mui formosa rainha de Portugal*, bem contra a sua politica, agora envesada pelas trepidações da sua ardente paixão, foi obrigada a libertar D. Paio Mendes da Maia que, como seus irmãos D. Gonçalo e D. Sueiro, de ha muito seguia a parcialidade do infante. Sabia êste recompensar a proposito.

Assim, fez a êste prelado da familia dos Maias muitas doações antecipadas.

Procuremos agora reunir os fios tambem urdidos de toda esta meada.

Não foi só estrictamente a ideia da independencia que fez revolver os ricos-homens portugueses. Essa ideia era ainda vaga, se é que se lhe podia dar significado. Havia o nome «portugueses»; e por êle se distinguiam os habitantes de Portugal, que tendiam a individualisar-se. O povo havia-se educado a não reconhecer homogeneidade com os outros habitantes da Peninsula. Era a ferramenta mais adequada para esmortar uma nação no barbarismo coevo. A sequencia dos factos motivou-os o ciúme mal simulado dos cavaleiros portugueses; ciúme do valimento de Fernão Peres; ciúme da coôrte de galegos que cercava o ambiente de D. Tereza. E eis um mal que que resultou um bem.

(Continúa).

Exposição de chapéus

Maria Emilia da Fonseca com atelier de vestidos e chapéus, á Rua da República, 91, tem a honra de convidar V. Ex.ª para visitar a sua Exposição de chapéus nos dias 11 e 12 de Novembro, onde se encontram modelos parisienses para senhora e creança.

Crónica de viagem

O que eu vi e ouvi por Guardizela VI

Para continuação das minhas crónicas — interrompidas por haver outros assuntos a pedirem, com urgência, a minha atenção — venho hoje, leitores, dar-vos conta dessas coisas maravilhosas que eu ouvi em Guardizela. Divagando um pouco: — A grande Imprensa tem, ultimamente, occupado páginas e páginas sobre o caso de Ovar — essa fortuna captada sacrilegamente pelos discipulos do *Pobresinho de Assis* ao Dr. Soares Pinto, fortuna que tinha sido legada á Misericórdia de Ovar.

Em Guardizela passa-se, presentemente, um caso idêntico, mesmo nos seus mais pequenos detalhes. E' só mudar os actores... e nada mais.

O sumário serve o mesmo.

Em Ovar são os discipulos de *Il Poverello de Assis* — dêsse divino cantor do Sol e da Alegria — os protagonistas. Em Guardizela é um discipulo de Loyola — dêsse pedante asqueroso que surgiu no século XVI, espalhando sobre a Humanidade inteira o terrôr da Santa Inquisição. Os de Ovar vestem hábito franciscano; o de Guardizela veste balandrau jesuítico — muito negro, escuro como uma noite procelosa de inverno.

Eis a diferença. De resto, o móvel do crime, é o mesmo: — **Roubar os pobres!!!**

E, deixando-nos de mais divagações, vamos entrar no assunto, permitindo-me só esta declaração formal: Eu vou contar, textualmente, aquilo que me disse o meu amigo.

Não aumento nem diminuo.

Vou ter, é certo, de arrostar com as fúrias do jesuitismo Guardizelense. E' o mesmo. A minha caneta, em lhes juro, jámais se partirá defendendo a *Justiça* e a *Verdade*. São êstes os meus dógmas. O resto são *cantigas* que desprezo. Repostando:

— Em 1922 conseguí a Junta de Freguesia de então, a cêdência do *passal* pela importância de 5:100\$00, afim de que nêle fôsse instalada a sala de sessões e arquivado da mesma, e, de futuro, a criação dum azilo para **pobres indigentes** da freguesia.

Foi esta a petição da Junta e foram estas as clausulas de cêdência. Esta concessão representava, portanto, um grande bem colectivo, uma grande obra de **Beneficência local** com que todos ficaram justamente satisfeitos. Enquanto não chegou o novo padre — porque o padre nêse tempo era o digno reverendo José Caldas a quem eu presto aqui por justiça, as minhas mais desinteressadas homenagens, como padre cioso dos seus deveres, como homem e como cidadão — nada se passou de anormal. Surge, porém, um dia ao povo de Guardizela êsse *tarado* a quem um médico brioso não terá, por certo, escrúpulos em lhe passar um atestado de *doido*, por que êle o é, já pelo sangue que lhe gira nas veias, já pelo que de anormal tem feito na sua vida eclesiástica. *Continúa.*